

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

# O pai tá on: Crônicas de um Brasil que salvou sua República

GILBERTO NETO DE OLIVEIRA ALMEIDA

GOIÂNIA 2022

GILBERTO NETO DE OLIVEIRA ALMEIDA

# TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Direito, Negócios e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte de requisitos para a obtenção de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professora Ms. Maria Carolina Giliolli Goos

GOIÂNIA 2022

**SUMÁRIO**

Sumário 3

[Resumo 4](#_TOC_250000)

Introdução 5

Justificativa 7

Objetivos 9

Fundamentação Teórica 10

Material e Método 24

Cronograma 26

Conclusão 31

Referências Bibliográficas 32

# RESUMO

Este estudo buscou compreender as especificidades técnicas e teóricas do jornalismo opinativo e interpretativo que serviram de embasamento para a estruturação desse livro-reportagem, que tem como temática o governo de Jair Bolsonaro e as eleições gerais de 2022. Compreender a realidade socioeconômica e o saldo das políticas do presidente em questão, bem como avaliar o período eleitoral, foram objetivos deste trabalho. A construção do produto se deu após vivências em campo, estudo de casos, entrevistas com cientistas políticos e balanços em relação à maneira que os periódicos tratavam da questão. O intuito foi atribuir a derrota de Bolsonaro nas urnas como fruto de sua inércia política, que não atendeu às demandas da sociedade como era esperado e tornou-se, por conseguinte, o primeiro político desde a redemocratização a perder uma reeleição e não ser reconduzido ao cargo de Presidente da República.

1. **INTRODUÇÃO**

Democracia e jornalismo caminham juntos, lado a lado. Um não existe plenamente sem o outro e compreender um processo eleitoral é o primeiro passo para definir o contexto sociocultural de um povo em determinado momento histórico. Desde 2018, o que se observou no Brasil foi a vigência de uma anti-política, motivada pelo ódio e pela criação de “inimigos comuns”. O uso da religião como discurso eleitoral e a manipulação de informações com intuito deliberado de enganar foram algumas anomalias possíveis de observar na atual conjectura política nacional.

Este trabalho é sobre um governo que flertou, em várias ocasiões, com o fascismo e se mostrou autoritário ao aparelhar diversas instituições de Estados. É, ainda, sobre o processo eleitoral mais disputado no Brasil desde a redemocratização, marcado por mentiras, ataques sem precedentes a candidatos, eleitores e a Justiça Eleitoral, e uma notável escalada de violência nas ruas que nos saltam aos olhos o peso do discurso no imaginário social.

Nesse ínterim, este trabalho é um livro-reportagem de crônicas que contextualizam o pior momento da democracia brasileira desde a redemocratização e, com a intenção de levar aos olhos sobre o peso histórico desse momento, este trabalho se debruça em técnicas do jornalismo opinativo/interpretativo, cujo objetivo é explanar detalhadamente a realidade e apontar causas e efeitos, inclusive, porque no ambiente político ocorre por acaso. Interpretar esses movimentos deliberados é fundamental para desassociar de políticos populistas a ideia de salvador da pátria.

O período cronológico deste livro se concentra no ano de 2022, especialmente no mês de março a novembro, quando as eleições gerais ganharam visibilidade no imaginário social e no dia-a-dia das redações. Porém, o livro é dividido em duas partes e na primeira é apresentado um retrospecto da candidatura de Bolsonaro à presidência, ainda em 2018, sua eleição e seus movimentos frente ao executivo. Portanto, ele apresenta assuntos de 2018, 2019, e especialmente nos anos seguintes, quando o planeta terra foi assolado por uma infecção viral desconhecida.

Os eixos temáticos abordados se concentram no perfil comportamental de Jair Bolsonaro, seus discursos negacionistas, misóginos, xenofóbicos e descontextualizados com a realidade. O uso da religião como estratégia e manipulação eleitoral, sobretudo na defesa de questões morais. Suas tentativas de silenciar a imprensa e o rechaço das grandes mídias, que se apoiaram pelo direito do cidadão se informar. As políticas falhas para enfrentamento da pandemia e o declínio acentuado da economia e do poder de compra dos brasileiros, assolados

pela inflação e pela volta da fome. Num segundo momento, num contexto de corrida eleitoral, foram tratadas as propagandas e os discursos, as estratégias de campanha e os movimentos de bastidores objetivando apoio e palanques. Manifestações populares e as demandas da rua. Os candidatos que se apresentaram como presidenciáveis e suas participações nos debates de primeiro turno. A cobertura da eleição, tanto no primeiro, quanto no segundo turno e, por fim, as repercussões após a derrota de Bolsonaro.

# JUSTIFICATIVA

A principal motivação para sustentar este trabalho reside, sobretudo, na importância do tema para a sociedade atual. A partir do pleito de 2018 o Brasil mergulhou numa onda de autoritarismo e alguns grupos mais radicais tem evidenciado suas referências neonazistas e açoitam com palavras e gestos quem pensa diferente ou possui uma preferência partidária que não seja a mesma. Por isso, é fundamental explanar sobre o caráter criminoso de quem propaga o ódio, com mentiras ou violências gratuitas, uma vez que liberdade de expressão não é um direito ilimitado que permite aos cidadãos agirem como bem lhes interessar. É preciso ressaltar o pluralismo brasileiro e o respeito às diversidades, fatores fundamentais na construção da democracia. A atualidade da questão é, também, outro fator que justifica a escolha do tema, afinal, é a eleição que coloca em cheque um governo marcado por falhas, especialmente na gestão da crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19 e que permitiu, tristemente, a volta do Brasil ao mapa da fome. Em detrimento deste governo, a candidatura de um ex-presidente, que até outubro de 2019 estava preso na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, no Paraná, ocasionando revolta em parte significativa da sociedade que não compreende (devido a ampla circulação de informações falsas e/ou tiradas de contexto) a anulação das penas por motivos técnicos e pela parcialidade de um juiz que, em outras circunstâncias, foi elevado ao status de salvador da pátria.

Compreender o momento histórico pelo qual o Brasil perpassa é essencial para que, num futuro distante, as pessoas possam reconhecer os riscos da extrema direita e de seu discurso segregador e reacionário. Conhecer o presente é o primeiro passo para repensar a política do amanhã e crescer com um senso democrático de inclusão e respeito a todos, independentemente de suas ideologias, pois somos um Brasil e um só povo. A escolha para o produto livro-reportagem surge a partir da ideia de que este material cultural (afinal, livro é cultura) é mais eficaz para tratar de assuntos como os que aqui são apresentados. A priori, o formato extenso garante a possibilidade de abarcar conteúdos na sua totalidade, contextualizando com outros eventos e costurando uma rede de compreensão da realidade. Nesse sentido, o uso do jornalismo opinativo/interpretativo é fundamental, pois leva aos olhos possibilidades de interpretar um fato que em outras circunstâncias passariam despercebidas. Além disso, a proximidade do autor pelo jornalismo especializado, neste caso, política, contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho que busca retratar as inquietações da atual

conjuntura. E ademais, a possibilidade alçar voos mais altos no campo da comunicação, em especial, nas temáticas que envolvem a política.

1. **OBJETIVOS**
	1. GERAIS:

A confecção desse livro tem por objetivo analisar o governo de Jair Bolsonaro a partir de suas políticas e os discursos utilizados pelo mandatário nos últimos quatro anos e evidenciar as consequências da anti-política promovida por ele. Buscar compreender o isolamento do Brasil no contexto global e as consequências da falta de diplomacia. Relatar a corrida presidencial de 2022 a partir da observação dos atos de campanha e a aceitação dos eleitores em relação às temáticas apresentadas pelos candidatos. Justificar o resultado das eleições baseado no contexto socioeconômico da nação e associar as ações de Jair Bolsonaro à sua derrota nas urnas.

* 1. ESPECÍFICOS

Reunir os momentos mais vexatórios do Brasil sob a gestão de Jair Bolsonaro, num contexto de falta de decoro pelo cara e ampla utilização de vocabulário vulgar e chulo. Evidenciar as ações fatídicas do mandatário no combate a pandemia da Covid-19 e o saldo da inércia governamental na compra de vacinas. Analisar as políticas de desmonte em órgãos de fiscalização e investigação e a impunidade vigente desde então. Explicitar a perda de credibilidade do país no cenário internacional a partir da falta de decoro e de respeito por integrantes do governo e do próprio mandatário para com nações amigas.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento deste trabalho, leia-se, desta pesquisa e para o livro-reportagem, foi realizada pesquisa bibliográfica que consistiu em analisar conceitos, características e, quando necessário, técnicas sobre temáticas aqui abordadas.

A política, a priori, foi o motivador e catalisador para a construção desse livro-reportagem. Seu foco se concentra num retrospecto do governo de Jair Messias Bolsonaro e nas eleições gerais de 2022. Desde a redemocratização, o Brasil nunca havia flertado com tanta intensidade com o golpismo de caráter fascista, que ao olhos desse pesquisador, ameaça a democracia e prega, entre outras pautas reacionárias, o fim das individualidades pessoais. Isso ficou em evidência ainda em 2018, quando o então candidato pelo PSL pregava sobre fuzilar a petralhada e reiterava que as minorias haviam de se curvar às maiorias. Esse discurso autoritário ganhou adeptos e moveu massas, de modo que a racionalidade cedeu espaço ao fanatismo e ao fundamentalismo, intensificado, sobretudo, com uso do discurso religioso. Vários periódicos, porém, não se portaram como esperado, inclusive, por não compreender com clareza o peso desse discurso no imaginário social. Por algum tempo, a ideia que se teve em mente foi a de que os discursos contundentes não poderiam causar danos realmente significativos na sociedade e que, com o tempo, o jeito anti-político de Jair Bolsonaro cederia em detrimento do pragmatismo do cargo. Com a iminência das eleições e com ampla desvantagem, Jair Bolsonaro elevou o nível de tensão no País, inclusive entre os poderes da República e ameaçou a segurança das eleições ao levantar dúvidas sobre o sistema eletrônico de votação. Surgiu daí a ideia de confeccionar um livro-reportagem que contribuísse para uma reflexão sobre os quatro anos de Bolsonaro frente o Executivo e o saldo de seu antagonismo político. Portanto, foi fundamental a compreensão em jornalismo político, sobretudo no jornalismo opinativo - a mais utilizada neste trabalho.

No que compete ao jornalismo de política, vários estilos podem (e são capacitados) para tratar do tema. Entretanto, o utilizado neste trabalho foi o jornalismo político de caráter opinativo. Por isso, as explanações daqui em diante se concentram exclusivamente nos elementos que compõem e fazem parte deste eixo do jornalismo.

A linguagem do jornalismo opinativo começa a ganhar formato a partir da fusão entre jornalismo e literatura, especialmente com a publicação de folhetins nos periódicos que circulavam à época, segundo Lima (2008). Essa linguagem pode ser confundida com impessoalidade, afinal, é um estilo de escrita que oferece ao redator maior liberdade, especialmente por ter surgido a partir do uso de elementos da literatura na construção de

textos informativos. Então, conclui-se que o jornalismo opinativo é caracterizado por ser mais subjetivo, exatamente por adotar elementos da estética romântica, como narrador em primeira pessoa e ou descrição dos elementos visuais, aproximando leitor e autor numa quase conversa informal. Essa liberdade pode ser tanto sobre eixos temáticos e abordagens como na presença de marcas autorais, afinal é um texto que pode ser escrito a partir de um narrador observador, em primeira pessoa. Isso evidencia que textos dessa natureza podem ser uma avaliação da realidade dos fatos de acordo com quem escreve. Evidentemente, opinião não pressupõe achismos e nesse sentido é imprescindível pesquisas, construção de conhecimento e dados que possam embasar a opinião de modo a combinar, ou pelo menos ser a mais assertiva possível, com a realidade.

A partir da compreensão da união entre Jornalismo e Literatura, várias maneiras de se estruturar um material jornalístico de caráter opinativo foram surgindo. Dentre eles, destacam-se as crônicas jornalísticas. Pode-se, inclusive, atribuir este conceito como o mais brasileiro de todos. Isso porque, segundo Melo (1983), nenhum outro periódico mundo afora trabalha com a crônica nos moldes como é feito aqui.

A palavra crônica tem origem grega - *khrónos*, que por sua vez, significa tempo. Por extensão, o substantivo feminino foi utilizado para nomear narrativas literárias onde o enredo acontece num espaço de tempo bastante delimitado. Na maioria das vezes, as crônicas relatam algo do cotidiano, do corriqueiro, do dia-a-dia das pessoas. Quando o jornalismo começa a trabalhar com a crônica, este estilo se mantém. Logo, a crônica jornalística, na definição de Melo (1983), é um relato de composição breve, relacionado com a atualidade. Uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados num determinado espaço de tempo. Ademais, esse estilo, embora caracterizado por uma escrita mais leve, não deixa de tratar os temas abordados com seriedade e, ainda segundo o pesquisador, a crônica é uma tradução livre da realidade principal, acrescida de humor e ironia para quebrar a chatice do cotidiano e das durezas da rotina.

Jorge Lellis Bomfim Medina (2001), apud Maria Julia Sierra, reitera, ainda, um ponto relevante. Segundo o pesquisador, a crônica pode ser interpretada como um estilo de notícia. Sua explanação envolve o fato das crônicas retratam assuntos do cotidiano e, embora tenham uma estrutura poética, apresentam pautas que podem facilmente ser compreendidas e incluídas no jornalismo noticioso.

Vale destacar, sobretudo, o jornalismo interpretativo, presente no jornalismo opinativo e por extensão, nas crônicas jornalísticas. Como o próprio nome sugere, é uma interpretação dos fatos de acordo com a visão do jornalista e, assim como no opinativo,

também é fundamentado não em achismo, mas em dados concretos e análises muito criteriosas da realidade. Engana-se quem pensa que no jornalismo não existe opinião, juízos de valor, críticas. Pois, ao contrário do que se imagina, a opinião é um recurso fortíssimo dentro das grandes reportagens e se configura como gênero essencial para algumas temáticas como a política. Este estilo de jornalismo permite que o leitor tenha acesso a uma visão aprofundada dos fatos, possíveis desdobramentos e consequências, que podem ou não se confirmar, exatamente por se tratar da interpretação de um fato e do que se depreende dele, não se limitando a objetividade do lide. Este conceito baseia-se, essencialmente, no valor que um jornalista agrega à notícia, isto é, seus prós e contras. Ele surge no contexto da Primeira Grande Guerra, que se iniciou em 28 de junho de 1914, com o assasinato do arquiduque do Império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando e sua esposa, em Sarajevo, na Bósnia. Ocorreu que quando os americanos recebiam as notícias vindas da Europa, não compreendiam o saldo da guerra para seu próprio contexto diário. Surge daí a necessidade de se aprofundar no tema e retratar uma perspectiva futura dos acontecimentos, segundo Refkalefsky (2016).

A construção deste livro-reportagem se concentrou no estudo de três tópicos estruturantes. A saber: o conceito de livro-reportagem e suas características próprias; as definições de jornalismo opinativo e interpretativo, bem como suas derivações; e por fim, uma conceitualização de *fake news,* especialmente devido a metodologia do governo Bolsonaro de descredibilizar veículos de impressa de qualidade em detrimento de informações enganosas e mentirosas divulgadas em ambiente digital, inclusive em perfis oficiais do presidente da República.

# 4.1 Livro-Reportagem

Em *Páginas Ampliadas*, o doutor em ciência da comunicação pela USP, Edvaldo Pereira Lima traz uma análise muito pessoal do que define o livro-reportagem como extensão do jornalismo.

Professor aposentado pela Universidade de São Paulo, Edvaldo Pereira Lima foi co-fundador e vice-presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário e suas pesquisas contribuem para conhecimentos no campo do livro-reportagem. Mas como definir esse conceito que mistura jornalismo factual com recursos literários - considerando que esta última possui características próprias da ficção?

Lima (2008) apresenta um retrospecto do momento onde as estruturas textuais se misturaram. O pesquisador relembra que as primeiras grandes literaturas nacionais eram publicadas em formas de folhetins, em jornais impressos.

Acontece que os literatos perceberam que a realidade prendia mais atenção do leitor do que a ficção e, paralelamente a essa percepção, os jornalistas perceberam que a humanização do texto, somado a fatos reais, prendia a atenção do leitor. A literatura de não ficção, como já foi chamada em outros momentos, é um relato da realidade com recursos muito particulares da estética romântica. Neste ponto, pode-se citar a descrição como o mais nítido de ser percebido. Lima (2008) aponta que existe uma carência no conceito de livro-reportagem. Na construção de seu próprio conceito, o professor encara este produto como um “subsitema do sistema jornalístico”. Diz:

Basicamente, a função que o livro-reportagem exerce, apesar de matrizes particulares, procede, essencialmente, do jornalismo como um todo. Os recursos técnicos com que essa função é desenvolvida provêm do jornalismo. [...]Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo”. (LIMA, 2008, p.10-11)

Entretanto, o pesquisador considera que o espaço da reportagem não é suficiente para abarcar todos os pontos para uma narrativa completa. Em outras palavras, a reportagem, embora mais completa que a notícia, continua sendo, apesar de amplo, um recorte da história. Então, Lima (2008) define que:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação[...]. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento focalizado, quer o aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento. (LIMA 2008 p. 26)

Nas especificidades que caracterizam o livro-reportagem, o primeiro elencado por Lima (2008) diz respeito ao conteúdo. O pesquisador considera que o material é essencialmente factual e a veracidade e verossimilhança são princípios fundamentais. Quanto

ao tratamento, o autor entende que a linguagem, bem como montagem e edição seguem as particularidades do jornalismo e ressalta que neste caso há uma maior maleabilidade de tratamento. Sua classificação abarca, também, as tipologias de livro-reportagem e considera que essa divisão se dá em relação ao caráter funcional do livro, isto é, seu objetivo (informar, orientar, denunciar, etc) quanto a natureza do tema retratado. Assim, as classificações são:

* Livro-reportagem perfil
* Livro-reportagem depoimento
* Livro-reportagem retrato
* Livro-reportagem ciência
* Livro-reportagem ambiente
* Livro-reportagem história
* Livro-reportagem consciência
* Livro-reportagem instantâneo
* Livro-reportagem atualidade
* Livro-reportagem antologia
* Livro-reportagem denuncia
* Livro-reportagem ensaio
* Livro-reportagem viagem

Lima (2008) reitera que nem sempre um livro-reportagem é classificado em um único tipo, ou seja, um livro-reportagem pode enquadrar-se, ao mesmo tempo, em mais de uma tipologia.

O pesquisador aponta, ainda, as liberdades encontradas dentro do gênero jornalístico, que permitem a fuga da rigidez imposta pela indústria jornalística. Portanto, Lima (2008) inicia sua explanação a partir da “liberdade temática” e logo evidencia que esta é o maior diferencial do livro-reportagem. Ele assegura que no livro-reportagem, o jornalismo amplia o poder de comunicação e considera, também, que a liberdade temática isenta o escritor das amarras impostas pelo sensacionalismo da imprensa cotidiana.

O segundo ponto de liberdade é quanto a “angulação”. Aqui, Lima (2008) reitera a importância da autonomia do escritor. Ele pondera que as linhas editoriais dos grandes veículos de mídia não permitem aos jornalistas uma liberdade temática ou de tratamento. O escritor, porém, ao escrever um livro-reportagem, define os contornos e abordagem a serem tratados. Lima (200) considera que para o autor de um libro reportagem:

O único compromisso é com sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que

achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações. (LIMA, 2008, p. 83)

O terceiro ponto que especifica as liberdades do livro-reportagem são as liberdades de fontes – e aqui no plural, pois fontes são plurais. Novamente, o pesquisador considera que as redações impõem muitas vezes um estreito círculo de fontes legitimadas. No livro-reportagem, porém, é possível ouvir uma variedade de fontes e construir uma visão ampla e diversificada da realidade, num texto repleto de polifonia.

Rapidamente, o professor da USP também comenta sobre a liberdade temporal, isto é, embora trate de temas contemporâneos, o livro-reportagem resgata situações mais distantes do presente, mas que seguem causando efeitos na atualidade. Outro ponto abordado em *Páginas Ampliadas* é a liberdade de eixo temático. O livro-reportagem não gira, necessariamente, em torno de uma temática factual. Mais do que isso, ele pode se concentrar em situações ou questões que determinam os acontecimentos, buscando o cerne dos conflitos, contextualizando com a contemporaneidade. Por fim, a última liberdade que trata Lima (2008) é a de propósito. O autor estabelece que o intuito de uma reportagem é o esclarecimento, mas que no livro-reportagem o intuito muito vezes é confundir, já que mistura dados, e aponta isso como algo positivo. Nesse sentido, uma das funções ou propósito do livro-reportagem serias ascender alvos mais elevados que puramente a informação. Entende-se, neste ponto, que o livro-reportagem pode trazer reflexões e questionamentos.

Conclui-se, portanto, que o livro-reportagem constitui-se, atualmente, como extensor do jornalismo pois abarca assuntos factuais, intrinsicamente verdadeiros, contados a partir de recursos literários que transformam a narrativa em uma história humanizada, envolvente e fluida. Oferecendo liberdades ao jornalista que, dentro das grandes redações, não seria possível. E, ademais, este processo evolutivo do jornalismo não é definitivo e pode sofrer alterações, buscando novos recursos e novas maneiras para contar as histórias que merecem ser contadas.

Outra pesquisa que conceitua o livro-reportagem como um produto jornalístico é o trabalho realizado pelas pesquisadoras Paula Melani Rocha e Cintia Xavier, em *O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico* (2013). A obra apresenta os motivos para a popularização do livro-reportagem como um modelo viável. As autoras apontam que:

A queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das hard news. (ROCHA E XAVIER, 2013, p.141)

Assim, elas consideram que o modelo possui um movimento diferenciado já que desenvolvimento dialoga com o contexto histórico, político, econômico, cultural, social, e consequentemente, com a dinâmica da sociedade. Para ambas, o modelo não é uma novidade e estabelecem que para se enquadrar em livro-reportagem, a obra deve tratar de acontecimentos ou fenômenos reais, produzido a partir de procedimentos metodológicos inerentes ao campo jornalístico, somado aos nuances da literatura. Rocha e Xavier (2013) contextualizam o livro-reportagem enquanto ciência e apresentam a classificação definida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que considera o livro-reportagem como um campo de conhecimento dentro da área da Comunicação, que por sua vez pertence à grande área das Ciências Sociais Aplicadas. Ressaltam, também, o conceito de humanização dentro do texto. Para Rocha e Xavier (2013), humanizar é aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto.

Por fim, as autoras tratam dos aspectos específicos do livro-reportagem enquanto produto jornalístico. Definem que a retórica utilizada no produto se difere dos outros formatos jornalísticos (notícia, reportagem, nota) não pela simples constatação de ser mais extensa, mas por ter a possibilidade de mesclar diferentes gêneros: interpretativo, investigativo e literários.

O livro-reportagem constitui um suporte próprio distinto dos outros meios (jornais, revistas, televisão, rádio, internet) e também dialoga com diferentes gêneros, logo seu processo de produção possui especificidades que o distingue dos demais. Diluem-se os limites de cada etapa da produção jornalística na concretização do suporte. E no que diz respeito ao gênero, apresenta um aspecto híbrido. (ROCHA e XAVIER 2013 p. 152)

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, na obra *Técnicas de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística,* publicado em 1986, também conceituam livro-reportagem como uma extensão do jornalismo e apontam os possíveis caminhos para o sucesso de um livro-reportagem. Nesse caso, os pesquisadores consideram os critérios de noticiabilidade e relevância do tema. Desse modo, é relevante a construção de um livro-reportagem para tratar

de assuntos relacionados a política, sobretudo em ano de eleições gerais, critérios de noticiabilidade do jornalismo brasileiro.

No caso deste trabalho, o eixo temático é fundamentado a partir das técnicas e dos conceitos do jornalismo opinativo e interpretativo. Desse modo, é fundamental explanar com mais detalhes sobre o tema.

# 4.2. Jornalismo Opinativo e Interpretativo

Melo (1983), apud Tomás Eloy Martínes defende que o jornalismo precisou se reinventar para sobreviver e, neste sentido, precisou oferecer uma narrativa mais densa e contextualizada, como afirma em *Periodismo e narração: desafios para o século XXI*, publicado em 1997*.* Nesse sentido, é preciso que os jornalistas compreendam que existe uma pessoa por trás do relato. “É preciso entender o ser humano que está por trás do fato. A pessoa de carne e osso afetada pelos ventos da realidade” (MARTÍNEZ, 1997 p. 02).

O pesquisador Nelson Traquina (2006) também tratou sobre as temáticas que envolvem e definem o jornalismo interpretativo. O pesquisador defende que “o jornalismo é o conjunto de estórias de vida, não estando desassociado ou isolado de estórias e narrativas passadas” (TRAQUINA 2006 p.26). O autor ainda considera o papel do jornalista como fundamental, uma vez que classifica o profissional como participante ativo na definição e na construção das notícias; logo, na construção da realidade.

Para essa construção ser feita, o jornalismo recorreu a recursos literários para se desprender do formato objetivo das notícias. Desse modo, a introdução de recursos literários ao jornalismo, a partir da década de 60 e 70, ampliaram ainda as possibilidades de escrita, pois tirou dos jornalistas as amarras da imparcialidade e da objetividade – dois grandes mitos do jornalismo. Aqui, o jornalismo opinativo se fortaleceu ainda mais. Mesmo assim, não se pode desassociar as questões institucionais. As linhas editoriais dos grandes veículos ainda limitam o trabalho do jornalista. Sua opinião, embora verdadeira, pode ter sido moldada ou alterada para encaixar na ótica da empresa.

Melo (1983) define que, no Brasil, são oito os gêneros opinativos:

* Editorial
* Comentário
* Artigo
* Resenha ou Crítica
* Coluna
* Crônica
* Caricatura
* Carta

Melo (1983) inicia sua explanação dizendo que no imaginário social tem-se que todo e qualquer texto jornalístico publicado em revistas ou jornais é, para efeito, artigo. Ou que, algumas redações têm “Artigo” como uma matéria jornalística dotada de opinião. O que, de certo modo, está correto. O pesquisador considera que o artigo confere “liberdade completa” ao jornalista; que trata mais maleabilidade o tema, o juízo de valor emitido e a expressão verbal. As opiniões em artigos são explícitas. Melo, apud Martín Vivaldi, conceitua como:

[Texto] escrito, de conteúdo amplo e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga e explica um fato ou uma ideia atual, de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista [...] Artigo é um gênero que democratiza a opinião no jornalismo, tornando-a não um privilégio da instituição jornalística e dos seus profissionais, mas possibilitando o seu a cesso às lideranças emergentes na sociedade. [...] O artigo é um gênero peculiar à imprensa, mesclando fatos e ideias, mas trabalhando sobretudo os argumentos. (MELO, 1983, p. 122)

Convém destacar, ainda, que Luiz Beltrão (1976), outro pesquisador do jornalismo opinativo, defende que artigo apresenta quatro elementos fundamentais. Título, introdução, argumentação e conclusão.

Beltrão, apud José Luiz Martínez Albertos, autor de *Redacción e periodística,* apresenta características próprias na concepção e produção do artigo jornalístico. Beltrão defende, primeiro, que o artigo jornalístico se divide em duas categorias. Artigo editorial e artigo de comentário. Para este trabalho interessa apenas a segunda categoria, onde se classifica os artigos produzidos pelos jornalistas, que compreendem os artigos de humor, costume, doutrinário e de divulgação. Neste ponto convém destacar a contribuição trazida por Melo (1983), apud Gonzalo Martín Vivaldi, autor da obra *Géneros Periodísticos,* publicado em 1973, conceitua o artigo como um texto interpretativo, que julga ou explica um fato; e opinativo pois é moldado pela conveniência de quem escreve, e, portanto, baseado nas suas experiências de vidas e visão de mundo. Além disso, dois elementos são fundamentais para caracterizar o artigo jornalístico: atualidade e opinião. No primeiro ponto, o artigo precisa tratar de algo que acontece agora, no momento histórico vivido – no caso deste trabalho, um

retrospecto do atual governo e o período de eleição. E no segundo tópico, entende que o delimitar das ideias é dado por quem escreve o texto, isto é, seu articulista.

Melo (1983) propõe duas novas diferenciações, ainda em *Jornalismo Opinativo.* Segundo ele, os artigos podem ser científicos ou doutrinário. Para este trabalho nos interessa apenas o último, pois artigo científico diz respeito aos matérias que são publicados para divulgar os resultados de uma pesquisa. O artigo doutrinário, por outro lado, segundo Melo, apud Cesar Gonzáles-Rauano, em *El periodismo. Teoria y práctica,* de 1960, entende que objetiva analisar uma questão atual e apontar novas perspectivas de ver e julgar o fato.

Melo (1933) também discorre sobre a estrutura do artigo. Segundo o autor, a estrutura não pode faltar a invenção, entendida aqui como o assunto motivador - o que foi retirado, a partir de observações, da realidade e contexto sociocultural que o autor está inserido. Mas as ideias de nada valem se não forem trabalhadas, argumentada. Este desenvolvimento esta classificado como disposição. Por fim, o autor nos apresenta o conceito de elocação, considerado por ele, é escrita de fato do que foi pensado e desenvolvido. É o texto escrito, revisado e corrigidado.

Conclui-se, como posto por Melo (1983), que o artigo é um gênero que democratiza a opinião no jornalismo e é essencial para os veículos de imprensa, que são formadores de opinião. Apresentar fatos a partir de uma determinada conjuntura, para além do que parece ser. É um modelo que trabalha que a crítica, nos faz pensar sob uma perspectiva que alguém precisa, antes, expô-las

Quanto a crônica, Melo (1983) conclui que este é o estilo mais brasileiro de todos, não estando presente em nenhum outro jornal do mundo- pelo menos não como é feito aqui. Ele e define a crônica como um relato de composição breve, relacionado com a atualidade. Melo pontua, ainda, que uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados num determinado espaço de tempo. Essa relação permitiu, por conseguinte, que a crônica se incorporasse aos jornais. Dessa vez apud Afrânio Coutinho, Melo diz que a

crônica exigia uma ‘participação direta e movimentada na vida mundana’, induzindo o cronista a incorporar a linguagem coloquial à sua narrativa, abandonando pouco a pouco o estilo empolado e discursivo da prosa jornalística e literária de então. (MELO, 1983, p. 153)

Logo, estabelece que a crônica permite uma escrita mais leve que não deixa de tratar, com seriedade, assuntos noticiosos com perspectivas secundárias. Por exemplo, uma crônica sobre o dia-a-dia no transporte coletivo que expõe a falta de políticas públicas para melhoria

deste. Melo (1983) diz que a crônica é uma tradução livre da realidade principal, acrescida de humor e ironia para quebrar a chatice do cotidiano e das durezas da rotina.

Jorge Lellis Bomfim Medina (2002) apud Maria Julia Sierra, apresenta a distinção feita por ela entre jornalismo noticioso e jornalismo literário. Sua contribuição mais significante foi definir a crônica como uma espécie de notícia. Sua explanação envolve o fato de as crônicas retratarem assuntos do cotidiano e, embora tenha uma estrutura poética, apresenta pautas que podem facilmente ser compreendidas e incluída no jornalismo noticioso. A saber, uma crônica que narra um comício político trata das eleições e do discurso daquele candidato. Temas presentes no noticiário.

Joaquim Vieira (2007) em *Jornalismo Contemporâneo* distingue a crônica em duas vertentes. A crônica relata e a crônica de opinião. Ele vincula esta a um artigo de opinião, escrito de maneira mais literária e ainda define que crônica é um relato jornalístico escrito após a observação in loco do profissional, com uma estrutura mais literária que torna a leitura mais fluida e agradável.

A crônica também é classificada em vários subgêneros. Pela temática deste trabalho, vamos considerar apenas a crônica definidas por Melo, apud Massaud Moisés, em *A criação literária¸* de 1979, crônica-conto. Neste caso, segundo Moisés, um acontecimento que provoca a atenção do cronista é narrado como se fosse um conto. Ou seja, o cronista é o narrador. Também nos interessa as crônicas analíticas, locais, e satírico-humorístico, definidas por Luiz Beltrão (1976). A crônica analítica, é aquela que expõe os fatos de maneira breve e objetiva, sem muitas delongas. Trata mais, segundo Beltrão, de inteligência e menos de emoção. A crônica local, também nominada de urbana, trata da vida coletiva e cotidiana, abordando as opiniões públicas. Por fim, a crônica satírico-humorista tem como objetivo criticar por intermédio da ironia ou da ridicularização. Nesse contexto, segundo Melo (1983), a crônica moderna se configura como importante recurso jornalístico, principalmente pois têm como características fundamentais a fidelidade ao cotidiano, com temáticas do que acontece agora, e a crítica social, entendida nesse caso como uma apreciação irônica dos acontecimentos mas que transcende os limites do comentário puramente argumentativo e expositivo.

Conclui-se, portanto, que o jornalismo opinativo é primordial para o jornalismo que se propõe como formador de opinião. E, para formar uma opinião é preciso expor uma opinião, feita com máximo rigor, por pessoas capazes de observar um fato e analisá-lo profundamente, sem se manter na superficialidade. É isto que propõe o jornalismo opinativo e

por isso ele é essencial à atividade jornalística, pois oferece, acima de tudo, uma visão de mundo, uma ou mais maneiras de interpretar um acontecimento.

No contexto desse livro reportagem, o objetivo de estudo foi o governo de Jair Bolsonaro e para compreender tal tema, é fundamental esclarecer o conceito do que seriam as *fake news,* afinal a desinformação foi um ponto decisivo para que o bolsonarismo ultrapasse dimensões estratosféricas capaz de mobilizar multidões.

4.3 **FAKE NEWS**

Wilson da Silva Gomes (2019), em sua obra *Fake News, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia* com participação da doutoranda Tatiana Dourado, analisa o fenômeno da desinformação a partir da própria etimologia da expressão. Desse modo, é fundamental esclarecer que não se tratam apenas de informações mentirosas. É específico. São notícias falsas, *fake NEWS.* Essa característica por si só já atribui certa singularidade na desinformação, pois pressupõe que são notícias circulando pela rede – e notícias apresentam um caráter verídico, através de uma relação que pressupõe honestidade por parte das grandes mídias. Notícias são factuais, jornalísticas, é o que está presente nos noticiários. Assim, o termo ganhou visibilidade a partir das eleições presidenciais americanas de 2016, que elegeram o candidato do partido republicano, Donald Trump, ao comando da Casa Branca. A retórica de Trump era esta: Quando a mídia vinculava reportagens que comprometiam a campanha de Trump, o candidato dizia que as notícias veiculadas eram falsas, na expressão amerciana “*fake news*”, e descredibiliza a apuração jornalística. Em paralelo, o próprio candidato republicano vinculava em suas declarações e publicações nas mídias sociais informação inverídicas ou distorcidas de sua opositora, Hilary Clinton. E apesar do termo relativamente novo, engana-se quem pensa que as *fake news* surgiram no episódio de Trump.

Desinformação e mentiras contadas com objetivos políticos são antigos. Alguns historiadores, como relatado em reportagem publicada no site do jornal El Pais, em 30 de abril de 2017, defendem que Maria Antonieta – um símbolo da violência e insatisfação do povo francês com a monarquia durante a revolução industrial, foi uma das maiores vítimas de *fake news* de todos os tempos, justamente por ter sido caçada, presa e guilhotinada em praça pública em 16 de outubro de 1793.

O caso da rainha da França envolveu folhetins e pasquins, amplamente distribuídos pela França, que apresentavam Maria Antonieta como uma mulher avarenta e libertina. Alguns cartazes continham ilustrações para representar as supostas orgias que aconteciam em Versalhes, todos colocando a rainha como organizadora dos eventos. Enquanto a França

empobrecia e os franceses passavam fome, corria boatos do luxo em Versalhes e foi atribuído a rainha gastos exorbitantes e a pobreza da nação recaiu sobre a L’autre chienne¹ – mesmo com os gastos militares maiores que o orçamento de Versalhes.

O ponto central dessa história, porém, é a força da narrativa no imaginário social e como as inverdades podem gerar revolta e, no caso da revolução francesa, a queda e assassinato de uma monarquia. Vale ressaltar que nesse contexto, a tecnologia que se tinha eram papeis e cartazes, confeccionados de maneira lenta se comparado com os recursos atuais. Neste ponto, a desinformação se mostra um problema maior quando a divulgação é amplamente compartilhada.

A popularização das mídias sociais a partir da segunda década desse século também popularizou as notícias falsas e as elevaram a um outro patamar. Hoje, elas são amplamente utilizadas essencialmente como instrumento político. Novamente, Gomes acende uma luz sobre o tema ao colocar que

todos pretendem ser verdadeiros quando os fatos que narram são totalmente implausíveis e mesmo quando histórias francamente contraditórias entre si aparecem ao mesmo tempo e colidem à vista de todos na esfera pública. [...]o conservadorismo de direita busca desqualificar todas as instituições tradicionalmente dotadas de credibilidade para arbitrar sobre o conhecimento socialmente aceito sobre os fatos (GOMES, 2019, p. 34 e p. 37)

Nesse ponto, é importante ressaltar que os fundamentalistas de direita são os maiores produtores de *fake news*. Justamente pelas pautas conservadoras, muito criticadas por grupos da sociedade pelo caráter regressistas – como pautas homofóbicas, eles se associam ao disparo em massa de informações falsas para se colocarem como vítimas, ou ainda responsabilizar o jornalismo como o propagador de desinformação. Para o Gomes, isto reverbera de maneira significativa no exercício do jornalismo e na credibilidade dele.

Este fenômeno, acreditam muitos, afeta profundamente o jornalismo, o seu lugar nas sociedades democráticas e a sua relevância social. Com a proliferação de falsificações nas narrativas sobre fatos políticos, parece que é o próprio jornalismo, a instituição a que historicamente se reputou o privilégio de nos assegurar sobre quais são, efetivamente, os acontecimentos da atualidade, que está sendo epistemologicamente questionado (GOMES, 2019 P. 34)

O uso de *fake news* pelos políticos relativizou os conceitos de verdade e mentira. O que se leva em conta é a oportunidade de descredibilizar os opositores. A lógica por trás dessa

1metodologia é se colocar sempre no lugar de honestidade e veracidade e colocar o outro no lugar de mentiroso. Isso tem sido prejudicial principalmente pela polarização que se estabelece num lugar de “nós contra eles, os certos contra os errados”. A desinformação provoca vítimas, pois quando acredita-se piamente em uma desinformação, o fato verdadeiro é deixado de lado e dá lugar a narrativas fora de contexto, enganosa muitas vezes, que reverbera negativamente em uma sociedade democrática e portanto, é imprescindível observar os efeitos da *fake news* no Brasil, especialmente durante do pleito presidencial de 2022,para compreender na prática os efeitos das notícias falsas.

1 Expressão francesa que significa: a outra cadela. Maneira pejorativa para se referir a rainha francesa. O termo era um trocadilho com a expressão “*autrichienne”*, que por sua vez significa “mulher austríaca”, terra natal de Maria Antonieta.

# MATERIAL E MÉTODO

Este trabalho teve como finalidade a realização de um estudo com objetivo de compreender a atual conjuntura política do Brasil analisando o retrospecto do governo de Jair Bolsonaro e as eleições gerais de 2022. A pesquisa do tipo básica exploratória qualitativa utilizou métodos fenomenológico para explicar a situação do momento. O rigor deste trabalho é atribuído, sobretudo, pelas análises dos discursos e suas implicações no imaginário social. Esse efeito de causa e consequência ocasionou uma série de violências na sociedade brasileira, como ataques sem precedente ao livre funcionamento do jornalismo, à Justiça Eleitoral e membros do judiciário, à comunidade indígena e outras formas de violência para com a natureza, como o aumento expressivo da degradação ambiental. Para atribuir qualidade técnica e explanatória, foram utilizados dados de observatórios e anuários, divulgados por institutos de pesquisa do governo e da iniciativa privada, além de depoimentos de pessoas com local de fala, que vivenciam diariamente os assuntos retratados.

As questões técnicas do trabalho foram construídas a partir do conhecimento adquirido com a leitura de material teórico sobre o tema. Sobre livro-reportagem, a principal ancoragem foi na obra Páginas Ampliadas, de Edvaldo Pereira Lima publicado em 1993 e apoiado nas contribuições de Paula Melani Rocha e Cintia Xavier, na obra O livro-reportagem e suas especificidades. Além disso, a leitura de outros livros-reportagens foi essencial para desenvolver as técnicas desse produto. Renomados autores, nacionais e internacionais, como Eliane Brum e Gay Talese, sobretudo com as obras Brasil: o construtor de ruínas e Fama e Anonimato, respectivamente, serviram de inspiração para a escrita desse livro-reportagem. Nas questões técnicas do jornalismo, isto é, técnicas de escrita, de entrevista e características próprias do jornalismo interpretativo e opinativo, uma gama ainda maior de conteúdos teóricos foram necessários. Os principais pesquisadores que fundamentaram esta temática foram Luiz Beltrão e José Marques de Melo, com a obras Jornalismo Interpretativo e Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro, respectivamente.

Quanto às análises para construção do conteúdo, foram vivenciadas manifestações populares *in loco*, de ambos os candidatos e um acompanhamento das ações de Jair Bolsonaro frente ao Executivo. Este último ponto, em especial, foi feito a partir da leitura de periódicos nacionais e o que estes reverberaram sobre o dia-a-dia do cenário político. Ainda nesse contexto, outros eixos temáticos como economia, degradação ambiental, questões diplomáticas, o fiasco da pandemia e o uso excessivo do discurso religioso como manobra

eleitora foram incluídos. Para isso, entrevistas foram realizadas com economistas, lideranças indígenas e cientistas políticos. Porém, não se restringiu a isso. Foram utilizados, ainda, falas oficiais sobre os temas abordados, divulgados amplamente em mídias sociais e nas grandes mídias, uso de dados oficiais do governo e dados de outros institutos de pesquisa. A percepção da mídia internacional sobre alguns temas presentes também faz parte dos critérios de análise aqui utilizados. Para a cobertura do pleito, foram acompanhados os discursos dos presidenciáveis na condição de pré-candidatos, a participação em sabatinas e debates e as propostas ali apresentadas, os discursos nas condições de candidatos e as propagandas eleitorais, os apoios e os movimentos que costuraram acordos.

A construção dos textos teve seu início no primeiro trimestre de 2022 e seguiu ao longo do ano, se encerrado em novembro com o resultado e as repercussões do pleito realizado em outubro do corrente ano. As análises levaram em consideração os momentos mais impactantes e que causaram as maiores repercussões na sociedade, bem como o prejuízo de cada ação num contexto geral, como a guerra religiosa que se desenrolou, a alta desenfreada dos combustíveis e a inflação que assombrou novamente as famílias brasileiras. Quantas as análises da corrida eleitoral, os textos foram escritos ao passo que os movimentos ainda estavam em curso, portanto a análise foi vivenciada diariamente, com novos conteúdos possíveis de se trabalhar aparecendo a cada instante.

# CRONOGRAMA

**Primeiro Semestre - TCC I**

1º semana - entrega: 01/03 Leitura de material teórico

2° semana - entrega: 08/03 Leitura de material teórico

3º semana - entrega: 15/03 Leitura de material teórico

4º semana - entrega: 22/03 Leitura de material teórico

5º semana - entrega: 29/03 Leitura de material teórico Entrega de crônica

6ª semana - entrega: 05/04 Leitura de material teórico Pesquisa midiática

Escrita de crônica 7ª semana - entrega:12/04 Pesquisa midiática

Escrita de crônica 8ª semana - entrega: 19/04

Escrita de crônica

Edição de material produzido 9ª semana - entrega: 26/04

Leitura de material teórico Entrega de crônica Pesquisa midiática Vivência em campo

10ª semana - entrega: 03/05 Vivência em campo Escrita de crônica

11ª semana - entrega: 10/05 Entrega de crônica

12° semana - entrega: 17/05 Escrita de crônica

Leitura de material teórico Balanço do conteúdo teórico

13ª semana - entrega: 24/05 Pesquisa midiática

Acompanhamento de evento 14ª semana - entrega: 31/05

Releitura do material produzido e correções necessárias

15ª semana - entrega: 07/06

Edição e alterações do trabalho teórico Entrega de crônica

16ª semana - entrega: 14/06 Entrega final TCC 1

# Segundo Semestre - TCC II

1ª semana – entrega: 05/08

Acompanhamento de eventos Entrevista com fonte Pesquisa midiática

2ª semana – entrega: 12/08

Acompanhamento de eventos Entrevista com fonte Pesquisa midiática

Entrega de parcial 3ª semana – entrega:19/08

Acompanhamento de eventos Entrevista com fonte Pesquisa midiática

4ª semana – entrega:26/08 Entrega da crônica (s)

5ª semana – entrega:02/09

Acompanhamento de eventos Entrevista com fonte Pesquisa midiática

6ª semana – entrega: 09/09 Entrega de parcial

7ª semana – entrega:16/09

Acompanhamento de eventos Entrevista com fonte Pesquisa midiática

8ª semana- entrega:23/09

Acompanhamento de eventos Entrevista com fonte Pesquisa midiática

9ª semana- entrega:30/09 Pesquisa midiática Entrega de parcial

10ª semana - entrega:07/10

Acompanhamento de evento - primeiro turno Entrevista com fonte (s)

11ª semana- entrega: 14/10

Pesquisa midiática Entrega de parcial

12ª semana – entrega:21/10 Pesquisa midiática Entrevista com fonte

13ª semana- entrega:28/10 Entrega da crônica

14ª semana- entrega: 04/11 Pesquisa midiática Entrevista com fonte

Acompanhamento de evento – segundo turno Entrega de parcial

15ª semana – entrega: 11/11 Entrega dos últimos textos

16ª semana – entrega: 18/11 Releitura e revisão

17ª semana- entrega: 30/11 Entrega definitiva e final

18ª semana- entrega: 08/12

Apresentação e defesa

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar os principais elementos que compõem um livro-reportagem como extensão do jornalismo. Este produto cultural é bastante útil para a construção de materiais jornalísticos com uma gama de eixos temáticos que, embora não sejam prolixos, são de difícil compreensão pela extensão de conteúdos e demandas. Nesse sentido, apresentar um retrospecto do governo Bolsonaro de nada adianta se não for compreendido uma interpretação da realidade e aqui se configurou a relevância de se optar por gêneros opinativos, abrindo mão da rigidez imposta pelos gêneros informativos.

O jornalismo interpretativo permite, a partir da análise dos discursos e do curso dos eventos, ofertar uma visão de mundo em profundidade, capaz de alterar a percepção da realidade e desenvolver uma concepção mais consolidada dos fatos. Nesse sentido, o governo de Bolsonaro foi um dos piores e mais nefastos desde a redemocratização e é preciso reverberar as políticas reacionárias da extrema direita. Felizmente, o Brasil rechaçou o golpismo fascista e transformou Bolsonaro no primeiro presidente que, disputando a reeleição, não foi reconduzido ao cargo. Isso se deu, sobretudo, por desacreditar da democracia e acreditar que manteria o poder pela eternidade, de modo que pudesse procrastinar e precaver em relação às demandas presidenciais. Por outro lado, Lula se mostrou um político extremamente consolidado, capaz de costurar acordos com todos os membros da sociedade civil organizada e o seu retrospecto foi favorável para um feito inédito no país; o primeiro presidente eleito por voto popular para um terceiro mandato.

É preciso, porém, estar atento aos movimentos da extrema-direita e defender a livre atividade jornalística, de modo que governantes com tendências fascistas sejam retratados como são, sem mascarar ou amenizar a cruel realidade dos fatos.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BELTRÃO**, L. Jornalismo Interpretativo. p. 65.1980

**DARNTON**, R. A verdadeira história das notícias falsas. Jornal El Pais, abril 2017.

Disponível em &lt;[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536\_863123.html&gt](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html%26gt) – Acesso em: 10 abr. 2022.

**GOMES, W. e DOURADO**, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. p. 34-37, novembro 2019. Disponível em

&lt;[https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33&gt](https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33%26gt)

– Acesso em: 05 mar. 2022.

**LIMA**, Pereira E. Páginas Ampliadas. 1993

**MARTÍNEZ**, Eloy T. Periodismo e Narração. 1997

**MEDINA**, Lellis Bomfim J. Gêneros Jornalísticos: Uma questão de gênero disponível em

&lt;[http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/40-%20Jorge%20Lellis%20-%2](http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/40-%20Jorge%20Lellis%20-%20trabalho%20completo.htm%26gt) [0trabalho%20completo.htm&gt](http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/40-%20Jorge%20Lellis%20-%20trabalho%20completo.htm%26gt); - Acesso em: 25

de abr. 2022

**MELO,** J. de Marques. Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. P 26, 31, 47/48, 60, 63, 73, 76, 107/108, 113, 122/123, 127 e 127. 3ª edição. 2003.

**ORTELLADO, P. e RIBEIRO**, M. O que são e como lidar com as notícias falsas. p.

72-73, 2018. Disponível em &lt;https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6131&gt;

- Acesso em: 30 de mar. 2022

**REFKALEFSKY,** E. Para além do jornalismo interpretativo brasileiro disponível em

[&lt;http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/17617680000be8aa4f85b9fa8853a290.p](http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/17617680000be8aa4f85b9fa8853a290.p) df&gt;

- Acesso em: 13 de mai. De 2022

**ROCHA, P. M.; XAVIER**, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. RuMoRes, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. DOI:

10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69434.

Disponível em: [&lt;https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434&gT](http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434%26gT) Acesso em: 12 abr. 2022. - Acesso em: 12 abr. 2022.

**SODRÉ, M; FERRARI**, Maria Helena. Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. 1986

**TRAQUINA**, N. Teorias do Jornalismo: Por que as notícias são como são. 2006

**VIEIRA,** J. Jornalismo Contemporâneo. 2007